



VOLUME - V.2

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2024

ISSN: 2966-1439

P.201-226

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL SOBRE FENÔMENOS
ATMOSFÉRICOS NOS DADOS DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO
BRASIL (ALIB):
UM BREVE PASSEIO LINGÜÍSTICO E HISTÓRICO PELAS VEREDAS
DA DIALETOLOGIA**

SEMANTIC-LEXICAL VARIATION ON ATMOSPHERIC PHENOMENA IN DATA FROM
THE LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL (ALIB): A BRIEF LINGUISTIC AND HISTORICAL
TOUR THROUGH THE PATHS OF DIALECTOLOGY

Genivaldo da Conceição Oliveira¹

RESUMO:

Este estudo apresenta os resultados da análise dos dados registrados nos estados da Bahia e do Paraná, no campo semântico *fenômenos atmosféricos*, apresentando as cidades que constituem a rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nesses dois estados. Nosso estudo se baseia nos princípios teóricos da Dialectologia, Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia. O *corpus* está conformado por um extrato dos dados do ALiB constituído da pergunta 20 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) e se utiliza do método da Geolinguística para a análise espacial dos dados. Enfatizamos o aspecto diatópico, contudo, recorreremos, de maneira periférica, à análise de outras variáveis sociais, como a diastrática. Neste texto, apresentamos, também, uma breve análise linguística e histórica sobre a Dialectologia.

Palavras-chave: Dialectologia. Geolinguística. Léxico. Variação Linguística.

ABSTRACT:

This study shows the results of the analysis of data registered in the states of Bahia and Paraná, in the semantic field of atmospheric phenomena, presenting the cities that constitute the network of points of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) in these

¹ Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. E-mail: valdooli@ufrb.edu.br.

two states. Our study is based on the theoretical principles of Dialectology, Sociolinguistics, Lexicology and Lexicography. The *corpus* is made up of extract from the ALiB data consisting of question 20 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) and uses the Geolinguistic method for the spatial analysis of the data. We emphasize the diatopic aspect. However, we resort, in a peripheral way, to the analysis of other social variables, such as diastratics. In this text, we also take a glance at linguistic and historical analyses of Dialectology.

Keywords: Dialectology. Geolinguistics. Lexicon. Linguistic Variation.

INTRODUÇÃO

A variação linguística provém de variedades geográficas ou diatópicas, bem como de variedades socioculturais. As variedades diatópicas acontecem em um plano horizontal da língua e se originam dos dialetos ou falares locais, que se mostram por meio de uma linguagem aparentemente comum do ponto de vista geográfico. Estas variedades se distinguem em linguagem urbana e a linguagem rural.

Cardoso (2010), fundamentada em Rossi (1967), observa que o fato apurado em uma área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais à proporção que se preste ao confronto com o fato correlato, mesmo que por inexistência, em outra área. Portanto, os estudos dialetológicos buscam, inicialmente, identificar os mesmos fatos, seja pela presença ou ausência de fenômenos considerados em áreas distintas. As diferenças espaciais se destacam em relação às outras. Isto se deve ao fato de que os indícios de aproximação ou distanciamento dos fenômenos alcançam maior nitidez e mais fácil percepção nos espaços físicos, ou seja, geográficos.

Este estudo investiga a relação entre o léxico referente à área semântica *fenômenos atmosféricos* documentada no estado da Bahia e no estado do Paraná, com base no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) a partir de dados de 164 informantes, distribuídos: 16 nas duas capitais, 84 nas cidades do interior da Bahia e 64 nas cidades do interior do Paraná. Nesta pesquisa, analisamos as respostas da questão 20 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB. Identificamos e estabelecemos as semelhanças e diferenças encontradas neste recorte estudado nos dois estados com base teórica na abordagem apresentada pela Geografia Linguística (Geolinguística). Utilizamos, também, pressupostos teóricos da Dialectologia, Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia. Analisamos esse recorte

do ALiB entre a Bahia e o Paraná, dois estados brasileiros que não apresentam contiguidade geográfica e exibem tipos de povoamento diferentes, para observar se o léxico fornecido pelos informantes apresenta mais homogeneidade ou heterogeneidade.

1 DIALETOLOGIA E SEU PERCURSO HISTÓRICO – UMA BREVE ANÁLISE

A Dialetoлогия identifica, situa e descreve os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural, respondendo a um pensamento mais amplo, pois, como afirma Cardoso (2010, p. 27),

O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição das línguas.

Chambers e Trudgill (1994, p. 19) dizem que “todos os falantes são falantes de, pelo menos, um dialeto”² e que a forma padrão de uma língua constitui-se em si um dialeto. Esta definição, contudo, esbarra em um problema: Como distinguir língua de dialeto? Estes autores afirmam que uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis, embora salientem que tal definição não seja totalmente satisfatória porque esta tal inteligibilidade nos traz alguns problemas. Eles citam as línguas norueguesa, sueca e dinamarquesa como três línguas distintas, mas mutuamente inteligíveis. Em contrapartida, a língua alemã, considerada como uma única língua, apresenta problemas de comunicação entre os diferentes falantes do alemão, usuários de distintos dialetos. Finch (2000, p. 215)³ afirma que um “dialeto é uma variedade linguística restrita a um espaço geográfico com formas sintáticas e itens vocabulares distintos”. Para ele, geralmente, “distingue-se de sotaque; o qual se refere apenas a aspectos de pronúncia, embora em algumas ocasiões, o dialeto vagamente inclui o sotaque”.

A Dialetoлогия era vista nos seus primórdios sob uma perspectiva

² “... todos los hablantes lo son al menos de un dialecto...”. Tradução nossa.

³ “Dialect is a geographically based language variety with distinct syntactic forms and vocabulary items”. “It’s usually distinguished from accent, which refers solely to features of pronunciation, although on occasions dialect is loosely used to include accent”. Tradução nossa.

preponderantemente diatópica. Os primeiros estudos dialetológicos eram predominantemente focalizados dentro de um espaço e tinham uma abordagem monodimensional. Aos poucos, a monodimensionalidade foi perdendo sua hegemonia para um estudo mais pluridimensional. De acordo com Cardoso (2010, p. 15), a “Dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. O estudo dialetológico obedece a três passos importantes: identificar, descrever e situar a variação linguística. Após a realização do primeiro passo, que é a identificação do fenômeno linguístico, passa-se a descrevê-lo fazendo o levantamento das variantes. Descrever é enumerar as variantes lexicais possíveis e que tenham o mesmo valor de verdade, como em *macaxeira*, *aipim* e *mandioca*. A Dialetoлогия inventaria, sistematiza e descreve estas variações.

Contudo, trazemos, para ilustrar nossa análise sobre variantes com o mesmo valor de verdade, um trecho do romance *Tocaia Grande - A Face Obscura* de Jorge Amado (1984, p. 249-250):

[...] A família de José dos Santos, procedente de Laranjeiras, somava seis parentes: ele, a mulher, o filho homem e as três moças. A de Altamirando, constituída pelo casal e uma filha, viera do sertão tocada pela seca; a filha, Ção, lesa de nascença, completara treze anos. De quinze em quinze dias Altamirando comprava um boi no curral do coronel Robustiano – a crédito, para pagar na quinzena seguinte – e o abatia para vender a carne fresca aos domingos e salgar a sobra. Da sociedade com Ambrósio, José dos Santos tencionava construir uma casa de farinha: as plantações de mandioca vicejavam impetuosas. [...]. (Amado, 1984, p. 249-250).

Verificamos que a citação acima apresenta componentes lexicais e morfossintáticos que não fazem parte do repertório linguístico de todos os brasileiros uma vez que há variação linguística de forma horizontal e vertical de Norte a Sul, de Leste a Oeste do Brasil. Um desses itens lexicais citados no texto de Amado (1984) é *mandioca*, que nesse contexto, e no mundo baiano de Jorge Amado, refere-se apenas à raiz que produz a farinha e que não pode ser ingerida após cozimento. Na Bahia, a raiz que pode ser ingerida após cozimento é o *aipim*. Dessa forma, *mandioca* e *aipim*, na Bahia, possuem semas diferentes. *Macaxeira* é outra variante para se referir a essa planta. Em vários dialetos brasileiros, os falantes não

fazem distinção entre *mandioca*, *aipim* e *macaxeira*. Houaiss (2001, p. 1831) corrobora a assertiva de Amado (1984) quando diz que mandioca é um “arbusto [...] cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhante às do aipim [...] embora sejam ger. venenosas e freq.. us. apenas para a produção de farinha de mandioca [...]”.

Os aspectos espaciais ou geográficos da variação linguística são estudados pela Dialetologia e os fatores sociais são o propósito da Sociolinguística. A Sociolinguística analisa a variação linguística pelos veios sociais. Segundo Mollica (2003, p. 9), a Sociolinguística:

É uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Mollica, 2003, p. 9).

Cardoso (2010) pontua que a Sociolinguística investiga fatores sociais, como idade, sexo, escolaridade, profissão e o ato de fala que está intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, distribuídos em variação diastrática, diageracional, diassexual e diafásica.

Chambers e Trudgill (1994, p. 139) afirmam que uma das maiores preocupações da Dialetologia tradicional ou Geografia Linguística tem sido a determinação de isoglossas, dos limites entre duas regiões que diferem em algum traço linguístico entre si. Ao analisar o significado literal de isoglossa “iso → igual” e “glossa → língua”, eles observam que isoglossa, supostamente, quer expressar o “fato de que uma linha traçada através de uma região mostrará duas áreas em cada uma das quais coincide algum aspecto do uso linguístico, mas que difere uma da outra”.⁴

Ferreira e Cardoso (1994) observam que um feixe de isoglossas demarca um dialeto. É, portanto, um conjunto de isoglossas que se somam e exibem uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras.

⁴ “Presumiblemente quiere expresar el hecho de que una línea trazada a través de una región mostrará dos áreas em cada una de las cuales coincide algún aspecto del uso linguístico, pero que difiere una de la otra”. Tradução nossa.

Elas adicionam que, devido a esta relativa homogeneidade, podemos crer que não há limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos. Isto corrobora o pensamento de Chambers e Trudgill.

Com base em Cardoso (2010), observamos que há duas características importantes na origem da Dialetologia independentemente do princípio metodológico usado. A primeira característica é o reconhecimento das diferenças ou das semelhanças que a língua transmite. Outra característica é o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. A Dialetologia não pode desconsiderar fatores extralingüísticos, próprios do falante, da mesma maneira que não pode desconsiderar as implicações que estes fatores acarretam nos atos da fala. De maneira que idade, sexo, escolaridade e características socioculturais se tornam elementos de pesquisa que convivem com a busca de identificação de áreas dialetais. Neste ponto, é possível ver uma confluência de propósitos entre a Dialetologia e a Sociolinguística uma vez que ambas as disciplinas estudam a variação linguística. Portanto, os enfoques diatópico e sociolinguístico estão presentes tanto na Dialetologia quanto na Sociolinguística. Todavia, o que as distingue é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que cada uma imprime à abordagem dos fatos linguísticos.

No Brasil, a história da Dialetologia é marcada pela presença de estudiosos como Amadeu Amaral e Antenor Nascentes que publicaram alguns dos primeiros trabalhos sobre a Dialetologia brasileira. Ferreira e Cardoso (1994, p. 37), tomando por base a divisão em duas fases realizada por Nascentes, observam que “podemos dividir a história dos estudos dialetais em três grandes fases”. A primeira fase compreende o período de 1826 a 1920, que culmina com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. A tônica deste período foi o estudo do léxico relativo ao português do Brasil e a criação de vários dicionários, vocabulários e léxicos de caráter regional. Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que a segunda fase se inicia com a publicação de *O dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Neste período, há um grande número de trabalhos que tratam da gramática, embora haja também vários de cunho lexicográfico. Em *O dialeto caipira*, Amadeu Amaral chama a atenção para a pesquisa *in loco* para dissipar falsas hipóteses e conclusões que não refletiam a

verdadeira realidade linguística. Ele traça, para futuros pesquisadores da Dialetoлогия, passos básicos para um trabalho mais criterioso: a observação imparcial, sistemática no trabalho, a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras coletadas permitiam e a verificação pessoal dos fatos para eliminar tudo que fosse hipotético e incerto. Amadeu Amaral abriu, assim, o caminho para os estudos dialetais no Brasil com linhas gerais para um estudo monográfico de uma região. Antenor Nascentes, em *O linguajar carioca*, começa traçando linhas gerais para a compreensão do português brasileiro que ele chama de *o falar brasileiro* e situa o linguajar carioca neste grupo. Para Nascentes (1953), a enorme extensão territorial do Brasil, sem fáceis meios de comunicação interior, quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares. Esta fragmentação é também influenciada pelo modo diferente de povoamento de cada região. Segundo Nascentes, é palpável a diferença entre a fala *cantada* do nortista e a fala *descansada* do sulista. A estas obras *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca*, podemos adicionar outras nesta segunda fase, como *O vocabulário pernambucano* de Pereira da Costa (1976), que enfocam o léxico regional seguindo a linha dominante na fase anterior.

A terceira fase se inicia em 1952 e se distingue pela elaboração de trabalhos baseados em *corpus* constituído de forma sistemática e surge, então, neste momento, a preocupação com a execução e desenvolvimento dos estudos da Geolinguística no Brasil e com a produção de um atlas linguístico do Brasil. Nesse sentido, o governo brasileiro toma a iniciativa de atribuir à Comissão de Filologia, da recém-criada Casa Ruy Barbosa, através do decreto 30.643 a responsabilidade pela produção do atlas linguístico do Brasil. A terceira fase da história dos estudos dialetais tem, assim, como marca identificadora, o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística. Entretanto, Mota (2006) complementa a proposta de Ferreira e Cardoso (1994) com uma quarta fase. Esta quarta fase começa com a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em 1996. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da década de 60 do século XX, abandonando-se a visão monodimensional que era predominante na Geolinguística que atualmente chamamos de tradicional. Cardoso (2009) observa que é importante reiterar que a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em 1996 é o marco mais

significativo para estabelecer esta quarta fase dos estudos dialetológicos, atrelados ao estudo da variação linguística, que transcende limites geográficos e está presente em todas as comunidades de fala.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Formas linguísticas em variação estão presentes em todas as comunidades de fala. Estas formas são chamadas de variantes que são, na verdade, maneiras diferentes de falar a mesma coisa no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade ou com aproximação de acepções. Estas variantes, por sua vez, estão sempre competindo dentro da comunidade de fala à qual pertencem. Desta maneira, temos as variantes padrão e não padrão, aquelas que são conservadoras contra as que são inovadoras e as variantes que recebem algum tipo de estigma em oposição àquelas de prestígio. Geralmente, uma variante padrão é considerada conservadora e possui maior importância sociolinguística dentro da comunidade. Em contrapartida, uma variante inovadora tende ser não-padrão e é, portanto, estigmatizada pelos falantes da comunidade a que pertence. A título de ilustração, trazemos a presença do segmento fônico /s/ como marca de plural no sintagma nominal que é a forma padrão, conservadora e, portanto, de prestígio. Ao passo que a não marcação do plural /s/ no sintagma nominal é estigmatizada.

Labov (2008, p. 260) observa que “no curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes”. Ele complementa que “quando isso acontece, há outra mudança estrutural que compensa a perda de informação envolvida”. Isto significa dizer que se uma regra variável for constante, ela oferece aos aprendizes da língua informação suficiente para manter as distinções básicas e as formas subjacentes. Portanto, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança linguística pressupõe variação uma vez que mudança é variação. Para Coseriu (1979, p. 64), a língua não muda completamente porque se refaz. O falante não cria integralmente a sua expressão, mas utiliza o sistema que lhe é oferecido pela comunidade, além disso, aceita também a realização que a norma tradicional lhe fornece. Ele não inventa totalmente sua expressão, mas utiliza modelos anteriores porque este indivíduo é um ser histórico e porque a

língua pertence a sua historicidade. Isto quer dizer que a expressão que é usada pelo falante tem uma história que a precede.

Os fatores que ocasionam o surgimento de variantes linguísticas ocorrem dentro de uma comunidade de fala, que é assim conceituada por Moreno Fernandez (1998):

Uma comunidade de fala é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, pelo menos, uma língua, contudo, além disso, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de valorizar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecerem quando compartilham opiniões sobre o que é vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que é arcaizante ou antiquado. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas que obriga o pertencimento a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, e por isto os membros de uma comunidade costumam acomodar seu discurso a normas e valores compartilhados. Uma comunidade de fala é basicamente uma comunidade de consenso, de sintonia entre grupos e indivíduos diferentes, onde conflitos são minimizados. (Moreno Fernández, 1998, p. 19-20).⁵

Uma das dificuldades para o estudo da variação lexical é a determinação de correspondência entre variantes. Esta análise encontra problemas, especialmente no nível semântico-lexical, quanto à existência ou impossibilidade de explicar as equivalências por um viés teórico da sinonímia. Moreno Fernández (1998, p 29) observa que “a Sociolinguística tem se tornado, quase por necessidade epistemológica, uma defensora da existência da sinonímia, pelo menos no nível do discurso”.

Retomando a análise semântico-lexical pelo viés da aceção de lexemas, uma das facetas mais conhecidas para explorar as relações semânticas entre palavras é a

⁵ “Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos[...] Los miembros de una comunicadad de habla son capaces de reconorcerse cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante o anticuado. Por eso el cumplimiento de las normas sociolingüísticas al que obliga la pertenencia a una comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos[...] Una comunidad de habla es básicamente una comunidad de consenso, de sintonia entre grupos e individuos diferentes, donde el conflicto está minimizado.” Tradução nossa.

sinonímia que, se manifesta quando dois termos têm a propriedade de ser empregados como substitutos um do outro, sem causar perda no que se pretende comunicar. Henriques (2011) cita o exemplo de um comerciante que faz as compras da semana e pede a dois funcionários que arrumem tudo: *por favor, alojem os mantimentos num lugar de fácil acesso; por favor, guardem os mantimentos num lugar de fácil acesso; por favor, armazenem os mantimentos num lugar de fácil acesso.* Neste contexto, os verbos *alojar*, *guardar* e *armazenar* são intercambiáveis, portanto são sinônimos. Contudo, o autor acrescenta que os sinônimos da língua comum não são iguais aos sinônimos da linguagem técnica, na qual seis é igual a meia dúzia e que uma dúzia é o mesmo que doze. Sinonímia perfeita como essas é muito incomum, já que é algo muito relativo e que a escolha da melhor palavra ou expressão depende de fatores envolvidos no processo de comunicação. Em *a boazuda da novela ficou desnuda/pelada ontem e a esposa de V. S^a recebeu uma notícia auspiciosa/maneira*, Henriques (2011) observa que semanticamente *desnuda* ou *pelada* e *auspiciosa* ou *maneira* se encaixam nestas orações, contudo *desnuda* na primeira e *maneira* na segunda não são recomendadas dada a formalidade de *desnuda* e a informalidade de *maneira*.

Pérez (2011, p. 43) assegura, com alguns exemplos na Língua Espanhola, “que duas palavras são sinônimas quando têm o mesmo significado”, porém acrescenta que esta definição pode ser enganosa, ilustrando seu ponto de vista com o par *perro* e *can* (cachorro/cão) para ilustrar seu ponto de vista. Para ele, *aquí defecan canes* e *aquí defecan perros* (aqui defecam cães/cachorros) parecem significar o mesmo. Entretanto, ele salienta que há diferenças de registro, pois *can* (cão) é culto ou próprio da linguagem científica. Além disso, há, também, diferenças significativas, pois *perro* (cachorro) é mais próximo e assinala melhor fidelidade do animal com respeito ao seu dono e *can* (cão) é mais distante, desunido afetivamente do seu cuidador. Ele traz *aquellos canes que se encuentren sueltos em la vía pública serán enjaulados por personal especializado* (aqueles cães que se encontram soltos na via pública serão enjaulados por pessoal especializado) e *los perros del camino son todos aquellos perros que han sido abandonados por la traición de sus amos* (os cachorros do caminho são todos aqueles cachorros que foram abandonados pela traição de seus donos) para ilustrar este aspecto. Contudo, isto não suprime o fato

de que *perro* e *can* tenham referentes lógicos idênticos. Este autor enfatiza que não se pode confundir referência com significado. Podemos dar tratamento semelhante aos termos *cão* e *cachorro* no português brasileiro, no qual *cão* normalmente recebe conotação de mais formalidade que *cachorro*. Em um contexto científico, como em uma aula de biologia, normalmente se usaria o termo *cão* em vez de *cachorro*, da mesma forma que se preferiria usar a lexia *camundongo* em vez de *ratinho*. O termo *cão* poderia, também, carregar um estigma religioso, cujo uso é evitado por muitos ao passo que *cachorro* pode indicar um homem com mal comportamento.

Assim como Henriques (2011), Perez afirma que sinonímia perfeita não existe, salvo em contadas exceções como no caso de *aguzanieves*, *aguanieves*, *apuranieves* ou *lavandera* que são nomes eletivos para a mesma ave (pássaro das neves, cujo nome científico é *Motacilla Alba L.*). Segundo Pérez (2011) não há diferenças essenciais entre os nomes deste pássaro como há em *perro* e *can*. Há apenas diferenças geográficas quanto ao seu uso. Por outro lado, Pérez diz que se deve observar também o comportamento pragmático das palavras, como *oui* ou *si* em francês, cujo contexto de pergunta negativa só se dá com *si*. A assertiva de Pérez e Henriques não é algo novo pois, Lyons (1987) já afirmava que sinonímia absoluta provavelmente se limite ao um vocabulário muito especializado que é genuinamente descritivo.

O significado de lexemas pode ser descritivo, expressivo e social e muitos lexemas combinam dois destes aspectos ou às vezes três. Se a sinonímia for definida como identidade de significado, podemos dizer que os lexemas são completamente sinônimos se tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social. Para Lyons (1987), lexemas são absolutamente sinônimos quando tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos seus significados e contextos de ocorrência, reforçando o pensamento de que uma sinonímia completa é relativamente rara nas línguas naturais e que a sinonímia absoluta é quase inexistente.

3 GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

As primeiras tentativas de sistematizar a análise sobre diferenças dialetais surgiram como uma reação aos avanços da Filologia e outros estudos sobre as línguas. Foram os neogramáticos que começaram a busca por princípios gerais da mudança linguística. Para eles, as mudanças fonéticas são governadas por uma regra e o princípio seguido é que todas as mudanças fonéticas não admitem exceções. Como consequência disso, houve o desenvolvimento da Geografia Linguística, uma metodologia, ou seja, um conjunto de métodos para compilar de maneira sistemática as demonstrações das diferenças dialetais. A Geografia Linguística (Geolinguística) procura criar uma base empírica sobre a qual se possam extrair conclusões a respeito da variedade linguística que ocorre em um lugar determinado. A Geolinguística revelou uma heterogeneidade que não se concebia antes e, portanto, jogava por terra toda e qualquer pressuposição de ausência de exceções.

A primeira pesquisa dialetal, com métodos da Geografia Linguística, teve início na Alemanha com Georg Wenker em 1876. Wenker criou frases em alemão padrão e as enviou para professores de escolas localizadas no norte da Alemanha, os quais teriam que devolver estas frases reescritas em seus dialetos locais. Segundo Chambers e Trudgill (1994), em um período de dez anos, entre 1877 e 1887, Wenker conseguiu cobrir todo o país com suas frases, totalizando quase 50.000 professores, dos quais em torno de 45.000 responderam. Cada frase continha vários pontos em que os professores pudessem registrar variantes regionais. Contudo, a imensidão de dados se tornou um problema para Wenker que precisou limitar sua análise de variantes de certas palavras a uma área restrita para torná-la acessível. Além disso, a dificuldade de publicação de um conjunto de mapas que mostravam as variantes impedia a acessibilidade de seu trabalho uma vez que acabou editando dois conjuntos à mão. Estes mapas foram depois encadernados separadamente sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs* e depositados em Marburg e em Berlin em 1881. Eles cobriam o norte e o centro da Alemanha e cada mapa estudava apenas um traço.

Depois destas primeiras pesquisas por meio de questionários postais, observadores treinados para fazer entrevistas e coletar os dados começaram a ser enviados ao lugar eleito para o estudo. O uso de pesquisadores treinados para recolha de dados teve seu início da maneira favorável na França, em 1896, com Jules

Gilliéron que idealizou um questionário que isolava unidades específicas das quais se poderiam obter respostas uniformes, embora este questionário sofresse revisões à proporção que a pesquisa avançava. Gilliéron escolheu Edmond Edmont para ser seu entrevistador. Edmont era um mascate, mas foi escolhido pela agudez de seu ouvido e foi treinado para fazer transcrições fonéticas. Durante quatro anos, de 1896 a 1900, percorreu de bicicleta a zona rural da França selecionando informantes e os entrevistando. Chambers e Trudgill (1994) afirmam que, ao final, ele tinha em torno de 700 entrevistas em 639 pontos diferentes e destes 700 informantes apenas 60 eram mulheres e apenas 200 tinham escolaridade que se destacava acima da norma da população rural da época. Gilliéron e seus assistentes recebiam periodicamente os resultados que Edmont lhes enviava. À proporção que recebiam dados novos, Gilliéron os incorporava a sua análise. Desta maneira, a publicação de seu estudo foi quase que imediata, começando em 1902 e o último volume, o décimo terceiro, foi publicado em 1910. Por sua eficácia e qualidade de seus resultados, a pesquisa de Gilliéron se tornou uma referência para estudos dialetológicos posteriores.

Segundo Cardoso (1998), a Geolinguística no Brasil ganha corpo em meados do século XX quando surgem as primeiras manifestações pela produção de um atlas linguístico do Brasil. A partir deste ponto, a pesquisa no campo da Dialetologia tem se desenvolvido. Estas pesquisas não caminharam em direção à elaboração de um atlas de abrangência nacional, mas buscavam mostrar realidades regionais, com diversos trabalhos publicados em vários pontos do país, efetivando atlas linguísticos por região. O primeiro Atlas publicado em território brasileiro foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, em 1963 de autoria de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensee.

4 ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB)

Em 1996, retomou-se a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando se constituiu um comitê nacional para elaboração do atlas. Este comitê, presidido pela Professora Doutora

Suzana Cardoso da UFBA, conta com a participação de autores de atlas já publicados. O ALiB documenta dados linguísticos no Brasil do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste e descreve a realidade linguística do Português Brasileiro enfatizando a identificação das diferenças diatópicas, que podem ser fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas dentro da perspectiva da Geolinguística. São 250 pontos que constituem sua rede de localidades que reúnem 1.100 informantes documentados. O informante tem perfil que está atrelado ao espaço em que ele vive.

5 BAHIA E PARANÁ

Bahia é um dos estados da região Nordeste do Brasil, fazendo limite com outros oito estados: Minas Gerais ao sul, sudoeste e sudeste; Espírito Santo ao sul; Goiás a oeste e sudoeste; Tocantins a oeste e noroeste; Piauí ao norte e noroeste; Pernambuco ao norte e Alagoas e Sergipe a nordeste. É banhada pelo Oceano Atlântico e tem a mais extensa costa de todos os estados brasileiros.⁶

Segundo Reis (2009, p. 19), a província da Bahia era uma das mais prósperas regiões canavieiras das Américas no século XIX. Os engenhos de açúcar, puxados por mão-de-obra escrava, estavam situados especialmente no Recôncavo, região fértil e úmida que envolve a Baía de Todos os Santos. Reis afirma que Salvador, que naquele então era mais conhecida como Cidade da Bahia, ocupa um dos extremos desse conjunto geográfico. O território baiano começou a se estruturar pela faixa costeira, ainda no século XVI, partindo da cidade de Salvador e das vilas de Porto Seguro e de São Jorge dos Ilhéus. Em seguida, começaram a surgir outros núcleos populacionais em torno dos engenhos de açúcar e de pequenas propriedades de criação de gado.

O Paraná se localiza no Sul do Brasil, limitando-se ao Norte com o estado de São Paulo, a Leste com o oceano Atlântico, ao Sul com o estado de Santa Catarina e a Oeste com o estado do Mato Grosso e com as repúblicas do Paraguai e Argentina.⁷ Aguilera (2002) afirma que a história do Paraná compreende a composição de três comunidades regionais:

⁶ Disponível em: [<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/historico>]. Acesso em 29/12/2024.

⁷ Atlas Linguístico do Paraná. Vol. I. p. 21

O Paraná Tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e se estruturou no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e comércio do gado e, mais tarde, nas atividades extrativistas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira, e as do Paraná Moderno, já no século XX, sendo as do Norte, com a agricultura tropical do café e que, a princípio, pelas origens e interesses históricos, ficou mais diretamente ligada a São Paulo, e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. (Aguilera, 2002, p. 19).

Durante os séculos XVI e XVII, houve uma disputa pela posse do território paranaense pelas missões jesuíticas espanholas e pelas bandeiras paulistas sob ordens do governo português. Durante estes dois séculos, vários núcleos de povoamento começaram a surgir ao longo dos principais rios.

6 METODOLOGIA

Este trabalho se fundamenta na metodologia e no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) no que tange à área semântica *fenômenos atmosféricos* do Questionário Semântico-lexical (QSL). Neste estudo priorizamos a variação diatópica, mas, seguindo os passos da Geolinguística Pluridimensional, também consideramos aspectos relativos às variações diastrática, diageracional e diassexual.

6.1 CORPUS

O *corpus* está constituído pelas respostas à questão 20 do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil aplicado em 22 cidades na Bahia e 17 no Paraná.

6.2 LOCALIDADES DA BAHIA

As localidades da Bahia, que perfazem o total de 22 pontos, estão distribuídas em suas mesorregiões⁸. O número entre parênteses se refere ao atribuído à localidade na rede de pontos do ALiB.

- Mesorregião Centro Norte Baiano – Itaberaba (090), Jacobina (086), Irecê (085);
- Mesorregião Centro Sul Baiano – Caetité (096), Itapetinga (100), Jequié (095), Seabra (089), Vitória da Conquista (098);
- Mesorregião Extremo Oeste Baiano – Barreiras (087), Santana (092);
- Mesorregião Metropolitana de Salvador – Capital – Salvador (093), Santo Amaro (091);
- Mesorregião Nordeste Baiano – Alagoinhas (088), Euclides da Cunha (083), Jeremoabo (082);
- Mesorregião Sul Baiano – Caravelas (102), Ilhéus (099), Santa Cruz de Cabrália (101), Valença (094);
- Mesorregião Vale São-Franciscano da Bahia – Barra (084), Carinhanha (097), Juazeiro (081).

6.3 LOCALIDADES DO PARANÁ

O conjunto de localidades do Paraná, que perfaz o total de 17 pontos, está distribuído em suas mesorregiões. O número entre parênteses se refere ao atribuído à localidade na rede de pontos do ALiB.

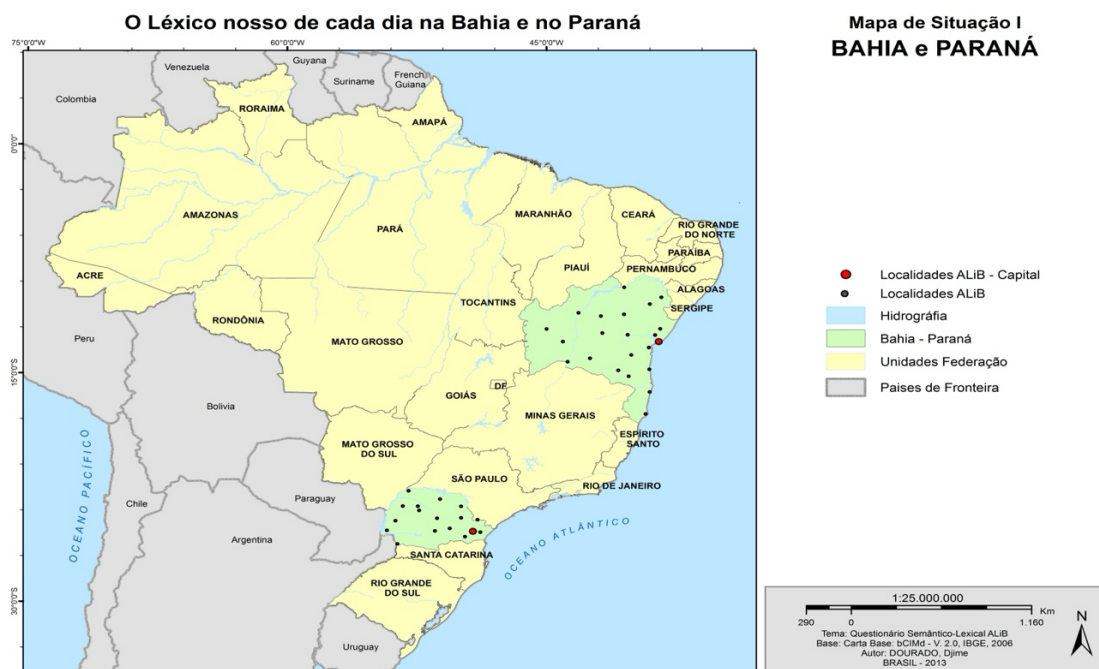
- Mesorregião Centro Ocidental Paranaense - Campo Mourão (212), Terra Boa (209);
- Mesorregião Centro Oriental Paranaense – Piraí do Sul (214);

⁸ Mesorregião. Unidade territorial homogênea, em nível maior que a microrregião, porém menor que o estado ou território, e resultado do grupamento de microrregiões. (Ferreira, 1986).

- Mesorregião Centro-sul – Guarapuava (219); Mesorregião Metropolitana de Curitiba – Capital – Curitiba (220), Adrianópolis (216), Lapa (222), Morretes (221);
- Mesorregião Noroeste Paranaense – Nova Londrina (207), Umuarama (210);
- Mesorregião Norte Central Paranaense – Cândido de Abreu (213), Londrina (208);
- Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense – Tomazina (211);
- Mesorregião Oeste Paranaense – São Miguel do Iguaçu (217), Toledo (215);
- Mesorregião Sudeste Paranaense – Imbituva (218);
- Mesorregião Sudoeste Paranaense – Barracão (223).

A Figura 1, a seguir, mostra a distribuição geopolítica do Brasil e a rede de pontos do ALiB na Bahia e no Paraná.

Figura 1 – Mapa geopolítico do Brasil: Bahia e Paraná – rede de pontos do ALiB



Fonte: Oliveira (2014)

6.4 INFORMANTES

Em cada ponto de inquérito no interior dos dois estados foram entrevistados quatro informantes, dois homens e duas mulheres em duas faixas-etárias (18-30 anos e 50-65 anos). Nas capitais dos estados foram entrevistados oito informantes, quatro dos quais têm nível universitário. Informantes de 1 a 4 possuem nível fundamental e de 5 a 8 nível universitário. Os números ímpares se referem aos homens e os números pares se referem às mulheres; os números 1-2 e 5-6 são atribuídos aos informantes agrupados na primeira faixa etária e 3-4 e 7-8 à segunda faixa etária.

6.5 QUESTIONÁRIO

O *corpus* desta pesquisa se fundamenta nos dados originados da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) integrante dos *Questionários 2001* (COMITÊ Nacional, 2001), constituído de 207 questões divididas em quinze áreas semânticas das quais selecionamos a área semântica *fenômenos atmosféricos* para este estudo.

No Quadro 1, disposto em quatro colunas, apresentamos a questão utilizada, com a seguinte distribuição: a primeira coluna mostra o número da questão; a segunda exhibe o item semântico-lexical que se busca; a terceira coluna indica a maneira como foi formulada a pergunta; a quarta coluna indica a área semântica a que se refere a pergunta.

Quadro 1- Extrato do QSL utilizado

QSL Nº	Item Semântico-Lexical	Formulação da Pergunta	Áreas Semânticas
20	ORVALHO/SERENO...	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Fonte do autor. Dados do QSL do ALiB

7 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados, estruturadas em itens que priorizam a perspectiva diatópica, mas contemplam, também, aspectos de natureza lexicográfica e sociolinguística.

7.1 SALVADOR E CURITIBA – A REALIDADE DAS CAPITALS

Para a questão 20 – *de manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?* – não se documentou variação diatópica, pois as 15 ocorrências trazem as lexias *sereno* e *orvalho* distribuídas tanto em Salvador quanto em Curitiba. Há uma leve preponderância de *sereno* sobre *orvalho*. *Sereno* foi fornecido por quatro informantes de Salvador e quatro de Curitiba correspondendo a 53,4% do total das ocorrências. *Orvalho* teve três registros em Salvador e quatro registros em Curitiba correspondendo a 46,6% do total. Um informante não soube responder no ponto 093.

7.2 A REALIDADE DO INTERIOR DOS DOIS ESTADOS

Na Bahia, para a questão 20 do QSL do ALiB, a variante mais produtiva foi *sereno* com 45 registros das 75 ocorrências, o que corresponde a 60% destas ocorrências. *Orvalho* vem em segundo lugar com menos da metade dos registros revelados para *sereno*. *Orvalho* ocorreu 20 vezes no interior da Bahia, o que representa 26,7% do total. Ainda temos, *neve* e *garoa* com três registros cada – 4% cada- e *neblina* com quatro representando 5,3% das ocorrências. Houve apenas nove abstenções para esta questão, 10,7% do total.

No Paraná, a questão 20 teve *orvalho* como variante mais produtiva com 37 registros, o que representa 62,7% das 59 ocorrências. *Sereno* aparece em segundo lugar com 22 ocorrências correspondendo a 37,3% do total. Houve apenas cinco abstenções (7,8%) para esta questão.

7.3 UMA VISÃO PLURAL ENTRE A BAHIA E O PARANÁ

Descritas as realidades da Bahia e do Paraná, neste item procuramos analisar, de forma comparativa as duas áreas estudadas. O Quadro 2 mostra as lexias coincidentes nas cidades do interior da Bahia e Paraná, bem como lexias fornecidas apenas por informantes do interior da Bahia ou do interior do Paraná, dispostas de acordo com os seguintes critérios: na primeira coluna, temos o número da questão; na segunda coluna, mostramos todas as expressões fornecidas tanto por informantes baianos quanto por informantes paranaenses; na terceira coluna, temos as expressões que apresentam a variação diatópica registradas apenas na Bahia e na quarta coluna registramos as expressões fornecidas apenas pelos informantes no interior do Paraná.

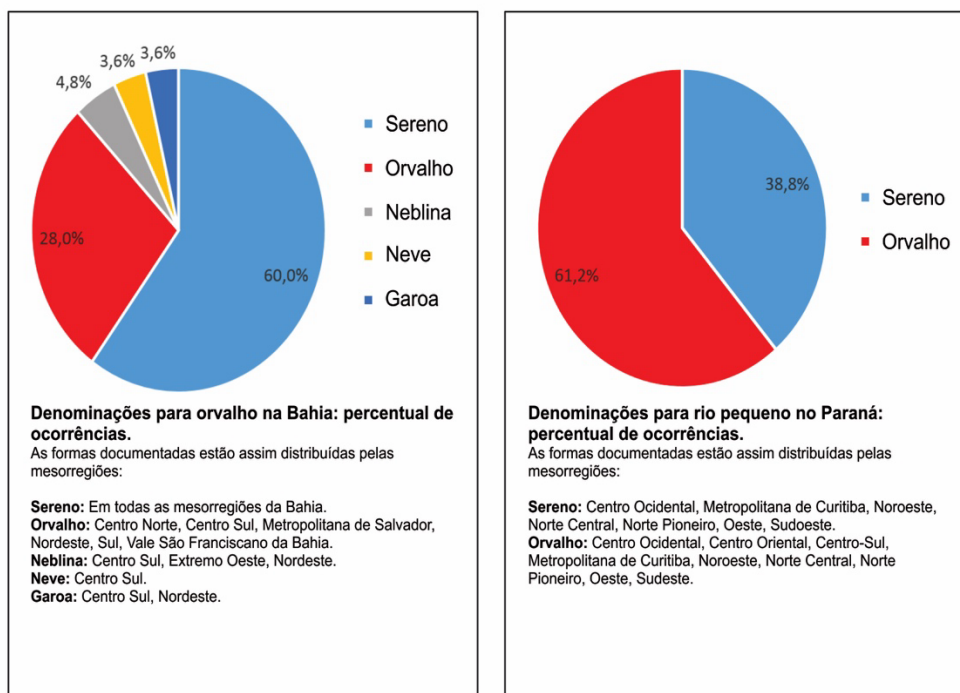
Quadro 2 – Coincidências e diferenças entre Bahia e Paraná

QUESTÕES	BAHIA/PARANÁ	BAHIA	PARANÁ
20	Sereno, orvalho	Neblina, neve, garoa	_____

Fonte do autor. Dados do QSL do ALiB

No Quadro 2, temos o confronto da realidade lexical entre Bahia e Paraná. As lexias coincidentes na Bahia e no Paraná são aquelas geralmente de maior produtividade dentro das mesorregiões baianas e paranaenses. As formas que representam variação diatópica normalmente receberam um número menor de registros comparados com as variantes que não apresentam variação e estão distribuídas por todas as regiões de ambos os estados. Como podemos mostrar no gráfico 1:

Gráfico 1 – Sereno e Orvalho



Fonte do autor. Dados do ALiB.

7.4 ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DOS DADOS

Sereno está registrado em Ferreira (1986) como um tênue vapor atmosférico noturno. Ele acrescenta que sereno também pode ser uma chuva fina e pouco duradoura. Houaiss apresenta *sereno* como o ar livre ao crepúsculo ou à noite. Ele traz *orvalho* como um sinônimo para *sereno*. Luft (2006) diz que sereno é a umidade noturna. Outra variante para expressar esta ideia é *orvalho*. *Orvalho* está dicionarizado em Ferreira (1986) como umidade atmosférica, que se condensa (principalmente durante a noite) e se deposita, em forma de gotículas, sobre qualquer superfície fria. Ele diz que *orvalho* também pode ser entendido como uma chuva muito miúda, chuvisco. Houaiss (2001) apresenta uma definição semelhante e traz *orvalho* como a umidade atmosférica condensada que se deposita, em forma de gotinhas, sobre superfícies frias, pela manhã e à noite. Ele também diz que *orvalho* pode ser uma chuva fina. *Orvalho* são gotículas resultantes da liquefação do vapor da água contido na atmosfera e que se precipitam, especialmente, durante a

madrugada, esta é a acepção trazida por Luft (2006). Informantes no interior da Bahia usaram o termo *garoa* para expressar esta ideia. Vemos que este uso coincide com o que registram Ferreira e Houaiss, pois eles dizem que as variantes *sereno* e *orvalho* podem ser entendidas como uma chuva fina. Diante do que expomos aqui neste parágrafo, podemos dizer que aquilo que molha a grama durante a noite pode ser expresso pelas variantes *sereno* e *orvalho*.

A variante *neblina* é utilizada para um nevoeiro baixo. Esta variante está registrada nos três dicionários que usamos para este estudo. Ferreira (1986) caracteriza *neblina* como uma névoa densa e rasteira e para Houaiss *neblina* é sinônimo de *nevoeiro*, que Luft completa com “nevoeiro baixo, pouco denso”. A segunda variante para nossa avaliação lexicográfica com essa acepção é *nevoeiro*. Para Ferreira, *nevoeiro* se constitui da palavra *névoa* + *eiro* e é a nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próxima ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade. Houaiss (2001) define *nevoeiro* com névoa baixa e fechada e traça uma relação de sinonímia com *neblina*. Luft (2006) traz *nevoeiro* como uma névoa densa; *neblina* ou *cerração* espessa. *Cerração* aparece em Aurélio, em Houaiss e em Luft como *nevoeiro* espesso, denso. Finalmente, chegamos ao conceito de *névoa*. Em Aurélio, *névoa* é a turvação atmosférica, menos intensa que a *cerração*, e que não reduz a visibilidade a menos de um quilômetro. Houaiss traz a mesma definição que Aurélio para quem *névoa* é um vapor atmosférico menos denso que a *cerração*, sinônimo de *neblina*. Luft afirma que *névoa* é uma turvação das camadas de ar próximo à superfície terrestre. Para ele, *cerração* e *neblina* são sinônimos de *névoa*. Este entrelaçamento de significados entre estas variantes convergindo para o mesmo ponto nos faz entender que as variantes *neblina*, *nevoeiro*, *cerração* e *névoa* estão dicionarizadas na acepção da questão, portanto intercambiáveis, embora algumas delas não tenham sido fornecidas pelos informantes da Bahia nem do Paraná.

7.5 UM BREVE OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O TEMA

A variante *sereno* foi fornecida pelos informantes 093/1-2-3-4 e 220/1-3-4-6. Poderíamos dizer que *sereno* é uma variante diastrática fornecida por informantes com baixa escolaridade se não fosse pelo informante 220/6. Por outro lado, podemos observar, por conta destes dados, que a variante *sereno* é mais indicativa de baixa escolaridade, especialmente porque o informante escolarizado que a forneceu não estava inicialmente seguro sobre sua resposta quando indagado. A seguir temos um diálogo para ratificar esta assertiva:

- *INQ.- De manhã cedo, a grama geralmente tá molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?*
INF.- É... neblina?
INQ.- É? fica umas gotinhas assim na grama.
INF.- É ... ai é... como que é o negócio da noite que me falaram (risos). INQ.- Da noite.
INF.- Sereno.
INQ.- Ah...
INF.- É o sereno né que cai ali e fica molhado. (220/6).

Entretanto, no que concerne à questão 20 do QSL do ALiB, relativa a fenômenos atmosféricos, verificamos que as variantes mais produtivas *sereno* e *orvalho* não apresentam variação social, como a variação diastrática, uma vez que ocorrem em ambos os estados distribuídos nos dois níveis de escolaridade estudados pelo Atlas Linguístico do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, identificamos, analisamos e descrevemos a variação linguística encontrada nos estados brasileiros, Bahia e Paraná, localizados, respectivamente, nas regiões Nordeste e Sul do Brasil, com vistas a mostrar a homogeneidade ou heterogeneidade desses dois falares brasileiros no que diz respeito à área semântica *fenômenos atmosféricos*. Para a questão 20, as variantes mais produtivas *serenas* e

orvalho aparecem distribuídas por todas as mesorregiões da Bahia e do Paraná. As variantes que ocorreram apenas na Bahia não foram fornecidas por um número expressivo de informantes.

Dessa forma, verificamos que no plano da análise diatópica, podemos destacar nesse recorte analisado, como resultado mais relevante o fato de a distribuição das variantes terem um caráter mais homogêneo do que heterogêneo considerando os dados de Salvador e Curitiba bem como de todas as cidades do interior dos dois estados.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná*. Sonderdruck aus Ex oriente lux – Festschrift für Eberhard Gartner zu seinem 60. Geburtstag. Herausgegeben von Sybille GroBe und Axel Schonberger in Verbindung mit Cornelia Doll und Christine Hundt. Valência: Frankfurt am Main, 2002.

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande – A Face Obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

AMARAL, Amadeu. *O Dialecto Caipira*. Gramática- Vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas Linguístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Caminhos da Dialectologia Brasileira. In: ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Luciene C; DA HORA, Dermeval. (Orgs.) *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: CCHLA, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística – Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectologia*. Traducción Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História – O problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *O vocabulário pernambucano*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura; MEC, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FINCH, Geoffrey. *Linguistics Terms and Concepts*. New York: St. Martin's Press, 2000.

GILLIÉRON, Jules. 1902-10. *Atlas Linguistique de la France*. 13 vols. Champion.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica – estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2006.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística – uma introdução*. Tradução Marilda Winkler Averbur e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: *Introdução à Sociolinguística – O Tratamento da Variação*. MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, M. Luiza. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas Dialetais Brasileiras. In: *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. Orgs. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Salvador: Apoio, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, [1922], 1953.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. *O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*. 2014. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2014.

PÉREZ, Júlio Calvo. *La fundación de la Semántica: los espines léxicos como un universal del lenguaje*. Madrid: Iberoamericana, 2011.

QSL. *Questionário Semântico-Lexical*. Comitê Nacional do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.